

A construção social dentro das casas de ópera no Estado de São Paulo entre 1870 e 1920: um estudo iconográfico

Ozório Christovam - ozorio.christovam@usp.br

Diósnio Machado Neto - dmneto@usp.br

Universidade de São Paulo - Campus de Ribeirão Preto – Brasil

As mudanças registradas durante as últimas décadas do Império e as primeiras décadas da chamada Primeira República, período que compreende de 1870 a 1930, sensibilizaram todos os parâmetros de desenvolvimento sócio-econômico-político e cultural brasileiro; notadamente a história econômica observa a grande importância da mudança do sistema agrário baseado na cultura cafeeira para um princípio de industrialização.

No Estado de São Paulo, observam-se três fatores que impulsionaram tais mudanças: a produção cafeeira visando o mercado de exportação, o crescimento populacional devido à grande entrada de imigrantes que se firmavam como mão de obra, e a extensão das linhas férreas que tornava viável o escoamento da produção do café até o porto.

A expansão das zonas cafeeiras promoveu o surgimento de novas cidades e a ampliação das já existentes; a urbanização gerada a partir desse trânsito se consubstanciou na geração de novos modos e hábitos urbanos. Entre muitos símbolos dessa transformação, o Teatro se firma como elemento chave da redefinição dos espaços públicos. Intensificando a vivência lúdica, opera-se uma multiplicação de suas formas de representação social, inclusive fundindo-se às novas práticas de expressão popular, com isso o Teatro além da difusão de espetáculos operísticos, também permitia festas populares.

O recorte proposto por esse trabalho busca estabelecer um eixo de influência e interiorização da ópera a partir das cidades de Santos, Campinas e Ribeirão Preto, verificando a iconografia encontrada em periódicos da época. A escolha das cidades formadoras desse eixo deu-se pela influência das mesmas nos

trânsitos econômicos e culturais do estado; Santos como a cidade portuária, Campinas abrigando o primeiro instituo agrônômico e berço do maior compositor de óperas brasileiro, Carlos Gomes, e Ribeirão Preto como o apogeu de toda a produção cafeeira paulista. Nesse panorama, a ópera assume um papel fundamental como gênero musical intensificando sua aura de sofisticação, articulando também as novas camadas de imigrantes europeus, enfim, um elemento simbólico do desenvolvimento das cidades.

Nota-se nos jornais das cidades-eixo, a veiculação da produção iconográfica de companhias de óperas e operetas que se apresentavam em turnês pelos teatros; com destaque para as primeiras cantoras, promovendo a construção social da imagem da Diva da companhia. Dessa forma, a própria imprensa é uma grande fundadora e difusora da idéia da Diva, os elogios a pessoa e aos dotes musicais de intérpretes são reiterados a cada exemplar dos jornais, remetendo a um dom inconsciente, espontâneo, e quase divino.

A pesquisa buscou formar um eixo de influência entre as cidades, e acabou logrando em achar um eixo concreto, físico, consubstanciado na estrada de ferro. O trânsito artístico entre as cidades foi possibilitado, ou pelo menos facilitado, pela extensão da linha férrea, que levava não só os artistas, mas também a suas reputações.

Essa difusão é notada nas revistas de variedades, como é o caso da Revista Arlequim, que era produzida na cidade de São Paulo, mas tinha como programa de logística a incursão de seus representantes nas linhas de trem em direção ao interior do estado. Percebe-se, que nas revistas, a construção da imagem da Diva ou Divo e a formação da consciência pública se dá por duas formas, a divinização e a erotização; a primeira sendo a exaltação de dotes técnicos musicais, promovendo um canto inconsciente; e a segunda sendo a enumeração de características físicas. Esse processo já havia sido notado nos jornais, mas devido aos projetos gráficos mais arrojados das revistas, essas representações iconográficas são mais visíveis.

Com o tempo, as representações iconográficas promovidas nos meios impressos se tornam mais numerosas; por um lado o avanço tecnológico, e por outro, as representações das estrelas de cinema que cada vez mais estampam as páginas de jornais e revistas construindo cânones imagéticos, causando assim um processo de negociação do poder midiático onde as distribuidoras dos filmes já entram com um poder aquisitivo muito mais alto do que as produções operísticas.